

SANTOS: VIVENCIANDO A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA

CURRÍCULO SANTISTA



Legião Negra, 1932.

<https://i.pinimg.com/originals/78/13/4f/78134f75ece36939177de47b57fe8bcc.jpg>

ANOS FINAIS - 9º ANO - MATERIAL DO ESTUDANTE

3ª EDIÇÃO

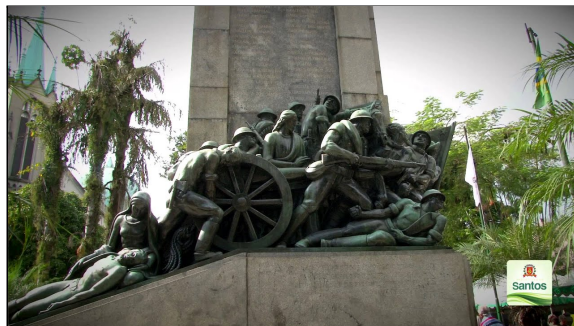
SEDUC/DEPED/COFORM

SEFORM

2022

A participação da população santista na guerra civil de 1932

Atividade 1. Análise de imagens



- Você conhece esse monumento? Sabe onde ele está localizado?
- A que evento do passado o monumento está relacionado?
- Que ligação há entre a cidade de Santos e o evento em questão?

Atividade 2. A Revolução de 1932



Você já deve ter estudado a chamada Revolução constitucionalista de 1932. Vamos recordá-la?

- O que foi o movimento de 1932? Contra o que ele se insurgiu?
- Aponte as razões do movimento e os seus objetivos.

- c. Qual a origem da sigla MMDC, que aparece nos cartazes do movimento de 1932?
- d. Costuma-se dizer que, apesar da derrota militar, o estado de São Paulo obteve uma vitória política contra Vargas. Explique essa afirmação.

Ao final deste capítulo, o texto "São Paulo pega em armas: a Revolução Constitucionalista de 1932" e o documentário "A Guerra dos Paulistas" podem ajudá-lo a recordar o assunto e responder às perguntas acima.

Atividade 3. Análise de textos: a participação santista na guerra de 1932



Os reservistas incorporados à Milícia Cívica de Santos foram em marcha na direção do Valongo visando ao embarque para a Capital.
<<http://memoriasantista.com.br/?p=2836>>. Acesso em: 11 mar 2021.

Leia os excertos abaixo e responda às questões.

I)

"Revoltou-se na Capital a guarnição federal. O movimento de solidariedade ao General Bertholdo Klinger visa à deposição voluntária, ou pela força, do governo federal. As tropas insurretas contam com a adesão de todas as forças do Estado de São Paulo, de Mato Grosso e do Paraná e com apoio de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. O General Isidoro Lopes foi aclamado Generalíssimo das Forças Sublevadas. Manifesto ao povo paulista. Caso o Governo Central recuse demitir-se coletivamente, os revolucionários marcharão para o Rio de Janeiro, sob o comando do General Bertholdo Klinger. Distribuição de munições aos civis."

A *Tribuna*, 10 jul. 1932. Disponível em:
<<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>>. Acesso: 5 mar. 2021.

II)

Naquele mesmo dia, [...] organizava-se a Milícia Cívica Santista, ramificação ou equivalente da Milícia Cívica de São Paulo, contando logo de início com cerca de trezentos homens, entre moços do alto comércio local, advogados, médicos, engenheiros, estudantes e jornalistas, com instrutores e comandantes tirados da oficialidade da Força Pública. Esses inscritos [...] dirigiram-se à tarde ao quartel da Polícia, [...] onde lhes foram fornecidos, de pronto, armamento e munições.

Francisco Martins dos Santos. *História de Santos*, 1986. Disponível em:
<<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>>. Acesso: 5 mar. 2021.

III)

“Pela manhã do dia 10, chegava de São Paulo um oficial do Exército, enviado pelo general Isidoro Lopes, a fim de parlamentar com a força [Companhia do 6º Regimento de Infantaria do Exército], e esta, depois de conhecer a atitude das demais unidades destacadas em São Paulo, aderiu, sem reservas, ao movimento, exceção apenas de dois oficiais, que se consideraram presos, seguindo escoltados para São Paulo”.

Francisco Martins dos Santos. *História de Santos*, 1986. Disponível em:
<<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>>. Acesso: 5 mar. 2021.

IV)

“Em Santos, como em todas as cidades paulistas, o ambiente cívico e social era respeitável somente para os adeptos da Revolução, considerando-se delito repugnante e traição o direito de pensar de modo diferente da maioria e divergir da opinião geral [...] Negar apoio ao Movimento e a todos os seus fenômenos era trair a São Paulo, e não apenas pensar de modo diferente, era apoiar a ditadura usurpadora e criminosa e não apenas usar de um direito de neutralidade; daí as delações por derrotismo, e a espionagem movida por amigos contra amigos, até por parentes contra parentes [...].

Francisco Martins dos Santos. *História de Santos*, 1986. Disponível em:
<<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>>. Acesso: 5 mar. 2021.

- a. De acordo com o jornal santista *A Tribuna*, qual era o objetivo do levante?
- b. A Revolta se limitou aos militares? Identifique nos textos I e II trechos que justifiquem sua resposta.
- c. A memória produzida a respeito da guerra de 1932 trata esse evento como um momento de grande coesão do povo paulista, que

teria se unido contra a ditadura de Vargas. Problematicize essa ideia a partir da leitura dos textos III e IV.

d. Pesquise e levante hipóteses para explicar por que em Santos (e em outras cidades) a adesão à "causa paulista" não era absoluta. Que setores da sociedade e quais motivações podem tê-los levado a apoiar o governo de Vargas?

Atividade 4. Produção de texto: o cotidiano de Santos durante a guerra de 1932



Tiro Naval de Santos em Cachoeira/SP, em 1932. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/festas/1932sp00.htm>. Acesso: 11 mar 2021.

Leia em seguida alguns trechos de livros e documentos que narram o dia a dia de Santos e o envolvimento da cidade com a guerra de 1932. Se achar necessário, você pode se aprofundar e buscar outros relatos sobre o cotidiano de Santos, durante esse período, no endereço a seguir:

<https://www.novomilenio.inf.br/festas/1932sp00.htm>



“Na estrada, os trens corriam normalmente, mas não aceitavam, por ordem superior, passageiros e encomendas para além da Capital. Os Correios e Telégrafos tinham sido ocupados militarmente e todos os serviços eram controlados por oficiais do Exército e da Força

Pública, a fim de evitar transmissões de notícias comprometedoras e boatos alarmantes, além de outras inconveniências estratégicas” [...]

“Em todos os pontos da cidade, onde quer que houvesse um aparelho de rádio ligado, ouvia-se incessantemente [...] homens de todas as classes, sucediam-se nos microfones das estações transmissoras de São Paulo e de Santos, produzindo a grande propaganda e a grande divulgação da idéia revolucionária e constitucionalista” [...]

“A Cruz Vermelha de Santos, reunida no dia 12, solidarizara-se também com o movimento [...], iniciando imediatamente a organização dos serviços de saúde, da Escola de Enfermeiros, de atenção às requisições, de socorro ao povo, e das comissões distribuidoras de auxílio. Foi notável a ação desta benemérita instituição durante todo o tempo, e a distribuição de gêneros alimentícios, remédios e roupas, que efetuou” [...]

“No dia 14 [de julho] seguiam para São Paulo os primeiros voluntários santistas, do batalhão organizado pelo Partido Democrático, em número de 53, destinados ao acantonamento da Escola Normal, transformada em quartel.”

Francisco Martins dos Santos. *História de Santos*, 1986. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>. Acesso: 5 mar. 2021.

“Continua paralisado o comércio de café em nossa praça. Todo o alto comércio mantém encerradas as suas portas e na cidade não há outro movimento senão aquele que se relaciona com os acontecimentos que se estão desenrolando”.

Folha da Manhã, 14 jul 1932, disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186d3.htm> >, Acesso: 24 fev. 2021

“A exemplo da Cruz Vermelha, também à Associação Comercial, [...] anunciava ela ao público que, de acordo com a consulta que fizera aos associados, todos os voluntários, que se apresentassem às fileiras, ficariam com os seus empregos garantidos e vencendo ordenados por todo o tempo que durasse a Revolução”.

“No dia 18 de julho, às 10 horas, seguia para São Paulo o primeiro contingente do Batalhão da Reserva de Santos, num total de 400 homens, com grande comparecimento de povo e autoridades, verificando-se cenas comoventes de despedida e discursos vibrantes, enquanto bandas de música inflamavam o ambiente com a execução de hinos, dobrados e marchas militares”.

Francisco Martins dos Santos. *História de Santos*, 1986. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186a.htm>. Acesso: 5 mar. 2021.

"O povo santista foi um dos mais presentes nas campanhas de arrecadação de recursos para a aquisição de capacetes de aço aos bravos soldados paulistas. Em menos de uma semana chegaram a ser arrecadados vinte contos de réis. A cidade também participou ativamente das coletas de metais e da campanha "Ouro para o Bem de São Paulo", que visava angariar mais recursos para a compra de material bélico, roupas, alimentos, remédios, entre outras necessidades das tropas nos *fronts* de guerra. Diversos esportistas da cidade de Santos doaram suas medalhas para a causa. Entre eles, toda a equipe de remo do Internacional, que aceitou com que se doasse todo o acervo conquistado pelo clube.

"Os Santistas abraçaram a causa constitucionalista de 32". Disponível em:
<<http://memoriasantista.com.br/?p=2846>>. Acesso: 11 mar 2021



Produza um texto sobre o envolvimento da população de Santos na guerra de 1932. Dentro desse tema amplo, você pode, se preferir, abordar um episódio mais específico relacionado ao assunto.

Escolha uma das propostas abaixo para construir seu texto. Acesse os vídeos pelo link ou o leitor de QR Code do celular para consultar as características de cada gênero.

Proposta 1: Reportagem

<https://www.youtube.com/watch?v=k9EDaXAWuJw>



<https://www.youtube.com/watch?v=NcoxoJv9s80>



Proposta 2: Narrativa de Aventura

<https://www.youtube.com/watch?v=qMPVHxlQd3g>



<https://www.youtube.com/watch?v=u-uKOCXPnck>



Atenção: os elementos do seu texto devem ser historicamente possíveis. Por isso, atente-se para a época na qual sua história se desenvolve e busque ideias, valores, objetos e tecnologias que caracterizam aquele momento. Evite cometer anacronismos, isto é, atribuir a uma época ou a um personagem ideias e sentimentos que são de outra época.

Por exemplo, não faria sentido seu personagem, em 1932, possuir um smartphone, ouvir funk ou trap e usar gírias e expressões atuais, certo? Pense nisso!

Atividade 5. A guerra de 1932, o bandeirantismo e as disputas pela memória

Observe as duas imagens.



A Tribuna, 9 de jul 1954, edição em comemoração aos 22 anos do movimento de 1932 e aos 400 anos da fundação de São Paulo



Cartaz de propaganda paulista durante a guerra civil de 1932: "Abaixo à ditadura"

a. Identifique o personagem em destaque na capa do jornal A Tribuna e no cartaz de propaganda.

Leia o texto abaixo e responda.

"A figura do bandeirante como aquele herói que ampliava as fronteiras da então colônia, ou daquele que descobre as riquezas minerais, começou a ser construída a partir da ascensão econômica de São Paulo, especialmente a partir dos fim do século 19 e início do século 20. [...]

São Paulo despontava como a grande potência econômica, mas faltava-lhe uma base historiográfica que desse uma base a esse novo papel do povo paulista. Faltava um 'herói' para dar mais consistência a uma tese de que desde o passado São Paulo já estava à frente das demais capitânias.

Assim, alguns historiadores deram início a esse processo de glorificação do passado paulista, e a figura que mais se adequava era a do sertanista [posteriormente, bandeirante]. Forte, corajoso, guerreiro. Houve a consagração e associação deste espírito aventureiro [dos bandeirantes] com os empreendimentos econômicos no estado de São Paulo, impulsionados pelo café e que alcançaram o mercado imobiliário, ferrovias e navegação, bancos e indústria".

Luís Soares de Camargo, historiador e diretor do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Entrevista concedida à BBC News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53116270>>. Acesso: 12 mar 2021.

b. Explique as motivações e o contexto no qual foi construída a memória do bandeirante como figura heróica e representante do povo do estado de São Paulo.

Leia o texto e observe as imagens que o acompanham.

Nos últimos anos, ativistas em todo o mundo têm demandado a retirada de diversos monumentos que celebram a memória de personagens identificados à escravidão e ao racismo. Em 2020, na cidade de Bristol, Inglaterra, manifestantes derrubaram a estátua de Edward Colston, um traficante de africanos escravizados (Imagem I). O ato reacendeu um debate global sobre a permanência de monumentos vinculados à memória de eventos e personagens históricos ligados à violação dos direitos humanos.



Imagem I: Manifestantes derrubam estátua de Edward Colston. Bristol, Inglaterra, 2020.



Imagem II: Estátua de Edward Colson (esquerda) foi substituída por estátua de Jen Raid (direita), mulher negra e manifestante do movimento *Black Lives Matter*

No Brasil, os monumentos aos bandeirantes têm sido o principal alvo dos movimentos que se sucederam ao caso inglês. A estátua do bandeirante Borba Gato (imagem III), por exemplo, chegou a ser vigiada pela Guarda Municipal de São Paulo após a identificação de ameaças a ela na internet. Em 2021, um grupo de manifestantes incendiou a estátua desse personagem (imagem IV), provocando a reação do governo do Estado, que identificou e prendeu os autores da ação, e da sociedade, que passou a debater se Borba Gato teria sido, de fato, um escravizador e assassino de indígenas.



Imagem III: estátua de Borba Gato, em São Paulo



Imagem IV: estátua de Borba Gato incendiada

Embora tenham recebido novo impulso a partir das ações do movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) em todo o mundo, ataques aos monumentos aos bandeirantes não são exatamente novidade no Brasil. A grande escultura do Parque Ibirapuera, por exemplo, já foi pichada diversas vezes (imagens V e VI). O mito construído em torno do bandeirante, alçado à condição de herói paulista, ocultou por muito tempo sua responsabilidade pela captura, escravização e matança de indígenas durante o período colonial. São essas duas memórias - a do herói corajoso e a do assassino escravista - que estão em disputa nesse processo.

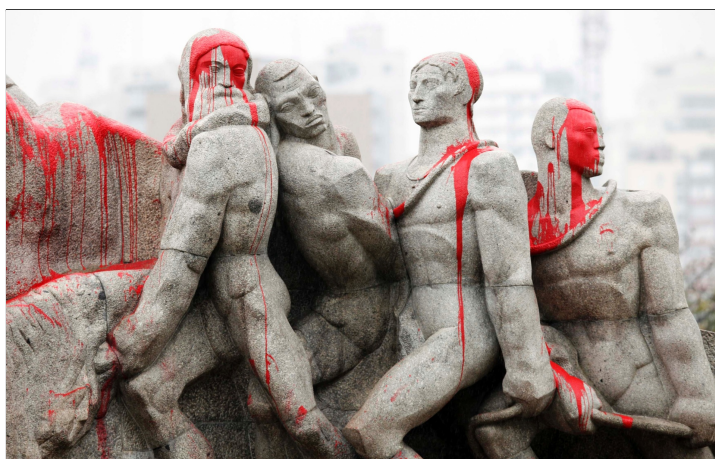


Imagem V: Detalhe do monumento aos Bandeirantes. Parque do Ibirapuera, São Paulo



Imagem VI: Monumento aos Bandeirantes. Parque do Ibirapuera, São Paulo

Ao longo da história, são inúmeros os casos de batalhas no campo da memória. Nelas, determinado grupo social, ao não se identificar com os valores associados a certo monumento, busca derrubá-lo ou removê-lo e substituí-lo por outro que reflita os seus próprios valores (Imagens II e V).

Mas mesmo entre aqueles que se posicionam ao lado dos direitos humanos e, portanto, condenam o racismo e o nosso passado escravocrata e de extermínio das populações indígenas, a solução para o conflito em torno desses monumentos não é consensual.

Imagem VII: Uma tentativa de consenso? A proposta do artista inglês Banksy sobre o caso da estátua do traficante de escravizados Edward Colston, representada no desenho ao lado. Em sua conta no instagram, o famoso artista de rua afirmou: "Eis uma ideia que serve tanto àqueles que sentem falta da estátua de Colston quanto para quem não sente. Nós a puxamos da água, colocamos de volta no pedestal, amarramos cabos ao redor de seu pescoço e encomendamos estátuas de bronze do tamanho real dos



manifestantes que a puxaram para baixo. Todos felizes. Um dia histórico relembrado". O que você acha dessa proposta?



Memorial de Auschwitz, na Polônia. Local que abrigou o maior campo de concentração da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial e onde foram mortas mais de 1 milhão de pessoas. O Memorial de Auschwitz é um bom exemplo de como um monumento histórico pode ser preservado e direcionado à manutenção de uma memória que valorize as vítimas e condene as ações dos agressores, lembrando às futuras gerações os crimes e horrores cometidos pelo Estado nazista. Em 2019, esse local foi visitado por 2 milhões de pessoas de todo o mundo.

c. Escreva um artigo de opinião sobre a derrubada de monumentos que guardam a memória de eventos e personagens relacionados ao racismo, à escravidão e ao genocídio de minorias. Algumas questões que podem nortear sua reflexão:

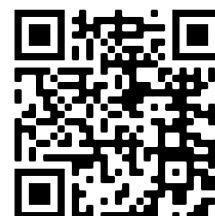
- É legítima a reivindicação pela derrubada desses monumentos? Justifique sua resposta.
- Essa é a maneira mais eficaz de contestar os valores representados por esses personagens? Por quê?
- É possível construir outra memória sobre o bandeirante e valorizar as suas vítimas sem destruir patrimônios históricos? De que maneira?

- Os valores que justificaram a violência contra indígenas e negros no passado estão superados ou permanecem na sociedade atual?
- Apagar a memória sobre o bandeirante fará cessar a violência contra os indígenas?
- Devemos sempre lembrar, estudar e debater o que foi o bandeirantismo e o que ele significou no passado para os grupos indígenas, de modo a evitar novas violências contra essa população? Como os monumentos e outros lugares da memória (edifícios, ruas, praças, etc.) poderiam contribuir para isso?

Acesse o material abaixo para orientações sobre como produzir um artigo de opinião.

Artigo de Opinião

https://www.youtube.com/watch?v=_S3w9FepIFE



ANEXO I: São Paulo pega em armas: a Revolução Constitucionalista de 1932

Expressão da insatisfação dos paulistas com a Revolução de 1930, o movimento constitucionalista atuou para convencer o Governo Provisório de Getúlio Vargas da necessidade de pôr fim ao caráter autoritário do regime sob o qual vivia o país. Isto só aconteceria quando a constituição de 1890, tornada sem efeito pela Revolução de 1930, fosse substituída por uma nova carta constitucional.

Se o Partido Republicano Paulista (PRP) congregava as forças conservadoras do estado, por outro lado, o Partido Democrático (PD) de São Paulo desde o início se envolveu com a campanha da Aliança Liberal e com as articulações da Revolução de 1930. É sabido que o estado de São Paulo foi a principal base política da chamada República Velha (1889-1930) e do sistema oligárquico por ela instaurado, ou seja, representava exatamente aquilo que o movimento de 1930 pretendia mudar.

Pode-se compreender, portanto, como seria difícil estabelecer, após a vitória da Revolução de 1930, um novo equilíbrio de forças no estado. Com a deposição do presidente

Washington Luís, o país passou a ser governado por uma junta militar, mas logo em seguida Getúlio Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório e, pressionado pela liderança tenentista, decidiu nomear um delegado militar para governar São Paulo, o tenente João Alberto Lins de Barros, de Pernambuco.

Ficou clara, então, a divergência entre os projetos políticos dos paulistas e dos tenentes. João Alberto governou até 13 de julho de 1931, e, no período seguinte, houve grande instabilidade, com interventores sendo nomeados e caindo com a mesma facilidade que haviam chegado ao cargo. Apenas em novembro, assumiu Manuel Rabelo, que não contou com o apoio dos constitucionalistas, por ser militar e ligado aos tenentes.

Em fevereiro de 1932, a situação se agravou. O PD rompeu com Vargas e seu governo, ao mesmo tempo que se aproximou do PRP, formando a Frente Única Paulista (FUP), que se tornou a porta-voz das reivindicações de reconstitucionalização e de autonomia administrativa para o estado de São Paulo. Mais do que isso, a FUP passou a articular, junto aos meios militares e a algumas das principais entidades de classe do patronato paulista, a preparação de um movimento armado contra o Governo Provisório.

Vargas, por seu lado, procurando contornar a situação, optou pela nomeação de Pedro de Toledo para a interventoria paulista, quase ao mesmo tempo em que apresentava o novo Código Eleitoral e marcava eleições para 1933. Esse recuo, no entanto, não conseguiu estancar a exaltação da FUP e dos paulistas em geral, apesar de o PD, a essa altura, já controlar o secretariado do novo interventor.

A morte de estudantes em um confronto com forças legais acabou introduzindo no cenário político o ingrediente que faltava: mártires. Suas iniciais - Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo - passaram a designar a sociedade secreta MMDC, interessada em articular a derrubada de Vargas. A 9 de julho de 1932 eclodiu na capital paulista a chamada Revolução Constitucionalista, que contou com amplo apoio dos mais diversos segmentos das camadas médias paulistas.

Nos poucos meses de conflito, São Paulo viveu um verdadeiro esforço de guerra. Não somente as indústrias se mobilizaram para atender às necessidades de armamentos, mas também a população se uniu na chamada "Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo". Pela primeira vez, buscaram-se iniciativas não apenas militares para romper o isolamento a que o estado fora submetido. Faltou, no entanto, a esperada adesão das forças mineiras e gaúchas. Os governos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, embora apoiassem a luta pela constitucionalização, decidiram manter-se leais ao Governo Provisório.

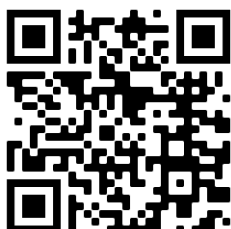
Isolado, o movimento fracassou. Em 1º de outubro de 1932, foi assinada a rendição que pôs fim à Revolução Constitucionalista. Os principais líderes tiveram seus direitos políticos cassados e foram deportados para Portugal.

Se, do ponto de vista militar, os paulistas saíram derrotados do movimento de 1932, o mesmo não se pode dizer em relação à política e à economia. São Paulo continuava sendo o principal fornecedor de divisas do país, mesmo num quadro de crise econômica mundial e de queda do preço do café no mercado internacional. Assim pressionado, o Governo Provisório manteve a política de valorização do café, comprando e retendo estoques, além de permitir o reescalonamento das dívidas dos cafeicultores e aceitar bônus de guerra como moeda legal, entre outras medidas.

Em termos políticos, o que se verificou na prática foi o fortalecimento do projeto constitucionalizante, com Vargas reativando a comissão que elaboraria o anteprojeto de Constituição e com a criação de novos partidos para concorrer às eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Estas, realizadas em maio de 1933, deram a vitória à Chapa Única por São Paulo Unido, composta por membros da FUP que haviam permanecido no país e amplamente dominada por representantes do PRP. Além disso, em agosto de 1933, São Paulo finalmente viu chegar um civil e paulista à chefia do governo do estado, com a indicação de Armando Salles de Oliveira para substituir o general Valdomiro Lima. Em 1935, Armando Salles foi eleito governador constitucional de São Paulo pela Assembleia Constituinte Estadual.

A Revolução Constitucionalista de 1932, Disponível em:
<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>>. Acesso: 3 mar 2021.

ANEXO II: Documentário "A Guerra dos Paulistas"



A Guerra dos Paulistas, direção: Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi, 2002. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=PlV0ojKO6wg>>
Acesso: 26 fev 2021.

A população negra na guerra civil de 1932

Na atividade anterior deste caderno, você estudou a guerra civil de 1932, mais conhecida como Revolução Constitucionalista de 1932, e o envolvimento de Santos nesse conflito.

Neste capítulo, estudaremos um pouco da participação da população negra nessa guerra, especialmente o batalhão de voluntários civis chamado Legião Negra, que teve representantes em Santos.

Para recordar o que você estudou sobre esses temas, consulte o capítulo anterior deste caderno (*A participação da população santista na guerra civil de 1932*). Além disso, você pode assistir a um vídeo clicando no link abaixo ou fazendo a leitura do QR Code:



<https://www.youtube.com/watch?v=fuqaeSRxlEc>

Atividade 1. Análise de texto

“Os patriotas pretos estão se arregimentando - Já seguiram vários batalhões - O entusiasmo na Chácara Carvalho - Exercícios dia e noite - As mulheres de cor dedicam-se à grande causa. Também os negros de todos os Estados, que vivem em São Paulo, quando o clarim vibrou chamando para a defesa da causa sagrada os brasileiros dignos, formaram logo na linha de frente das tropas constitucionalistas. [...] os negros [...] uniram-se, formando batalhões que, adestrados no manejo das armas e na disciplina vão levar, nas trincheiras extremas, desprendidos e leais, a sua bravura, conscientes de que se batem pela grandeza do Brasil que seus irmãos de raça, Rebouças, Patrocínio, Gama e outros muitos tanto dignificaram. Os nossos irmãos de cor, cujos ancestrais ajudaram a formar este Brasil grandioso [...] seguem cheios de fé, ao nosso lado, ao lado de todos os brasileiros que levantaram alto a bandeira do ideal da constitucionalização, para a cruzada cívica, sagrada [...]”.

A Gazeta, 23 de julho de 1932 apud DOMINGUES, Petrônio. *Os “Pérolas Negras”: a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de 32*. *Afro-Ásia*, n° 29/30, 2003, p.199.

1. Identifique o tipo de texto lido e quando ele foi publicado.
2. Quem são os protagonistas na história narrada?

3. A visão apresentada no texto sobre essas pessoas é positiva ou negativa?
4. Você acha que essa visão era comum na época? Por quê?
5. Por que você acha que o texto em questão representa essa população dessa maneira?
6. Pesquise: quem são "Rebouças, Patrocínio, Gama"? Por que o texto vincula esses personagens históricos a seus protagonistas?

A *Gazeta* fazia referência à Legião Negra, um dos batalhões de voluntários civis que integrou o Exército Constitucionalista durante a guerra de 1932. O olhar positivo do jornal paulista para a população negra não era algo comum nas páginas da grande imprensa do período.

No trecho analisado acima, *A Gazeta* deu grande destaque à participação dessa população no movimento de 1932, não apenas no *front* de batalha, mas também na retaguarda, onde atuaram principalmente as mulheres negras. No entanto, essas mulheres não se dedicaram exclusivamente a cuidar dos legionários negros. Maria José Barroso, por exemplo, combateu no *front* de batalha, razão pela qual ficou conhecida como Maria Soldado.

A grande imprensa do estado de São Paulo, de modo geral alinhada aos interesses das elites paulistas, enalteceu a população negra devido ao seu envolvimento no esforço de guerra contra o governo de Getúlio Vargas. Além disso, essas publicações faziam parte da propaganda de São Paulo na guerra, destinada a manter elevada a moral das tropas e a convencer novos voluntários a atuarem na linha de frente.

A cobertura frequente da participação dos negros no conflito sugere também a sua importante contribuição nesse episódio, como reconheceu o jornal *Folha da Noite*:

A 'Legião Negra' está dando um exemplo comovente ao Estado de São Paulo. Ao primeiro apelo dos seus dirigentes, todos correram para defender a terra bem amada, a terra do trabalho, a terra que não escolhe a ninguém para abrir os seus braços de concórdia brasileira e universal. A *sociedade bandeirante*, [...] deve guardar eternamente no coração a lembrança da raça negra.

Folha da Noite, 20 jul 1932 *apud* DOMINGUES, Petrônio. "Os 'Pérolas Negras': a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de 32". *Afro-Ásia*, nº 29/30, 2003, p.209.

Apesar disso, passada a guerra, a "sociedade bandeirante" não guardou a memória da participação negra no conflito de 1932.

Entre cerca de 250 livros de História publicados sobre a guerra civil de 1932, nenhum dedicou-se à Legião Negra, que foi citada esporadicamente em alguns desses trabalhos. As celebrações anuais em torno dos heróis da causa constitucionalista também não mencionam a presença negra.

Há, portanto, um apagamento da diversidade existente no Exército Constitucionalista. À exceção de algumas pesquisas mais recentes, podemos afirmar que a contribuição negra para a causa paulista caiu no esquecimento. Tanto na memória oficial de 1932 quanto na memória construída posteriormente em torno do evento, os negros aparecem apenas como coadjuvantes. Cabe a nós retomar esse passado.

Atividade 2. A Frente Negra Brasileira e a Legião Negra

Desde o fim da escravidão, a população negra de São Paulo passou a congregar-se em grêmios e associações recreativas visando a conquistar seus direitos. Em 1931, foi fundada a Frente Negra Brasileira (FNB), a mais importante organização negra do período, que teria chegado a reunir cerca de 30 mil filiados.

O objetivo da FNB era promover a "união política e social da gente negra nacional, para a afirmação dos direitos históricos [...] e para a reivindicação dos seus direitos materiais e políticos atuais na comunhão brasileira". A organização, composta por negras e negros, visava "à elevação moral, intelectual, artística, teórico-profissional e física e à assistência, à proteção e à defesa social, jurídica e econômica do trabalho da gente negra".

O jornal *A Voz da Raça*, da FNB, trazia em seu subtítulo o lema "Deus, Pátria, Raça e Família". Exceto pelo termo "raça", esse lema se identificava ao do movimento integralista, de orientação fascista. Mas essa filiação ideológica ao fascismo não era um consenso entre os dirigentes da Frente Negra e logo provocou uma ruptura nesta entidade. José Benedito Correa Leite, um dos fundadores da FNB ao lado de Arlindo Veiga dos Santos, deixou a Frente Negra em 1º de julho de 1932 e fundou o Clube Negro de Cultura Social. Leite discordava da proximidade entre a FNB e o integralismo.

Poucos dias depois, em 9 de julho, estourou a guerra civil em São Paulo. Entre os componentes do Exército Constitucionalista estiveram os diversos batalhões de voluntários, organizados por categorias profissionais (universitários, operários, comerciários, esportistas, etc.) ou por critérios étnicos e de nacionalidade (italianos, portugueses, espanhóis, indígenas guarani, etc.).



Frente Negra Brasileira, Seção de Tietê, 1935

A FNB foi chamada a organizar batalhões de combatentes negros, mas decidiu manter-se "neutra" no conflito. A causa determinante para esta decisão foi o alinhamento político da FNB ao governo Vargas. Apesar disso, a FNB liberou seus associados a tomarem as próprias decisões em relação à guerra.

É nesse contexto de arregimentação de batalhões civis e da recusa da FNB em aderir ao Exército Constitucionalista que, em 14 de julho, apenas cinco dias após o início da guerra, a Legião Negra foi formada em São Paulo. Com sede na Chácara Carvalho, localizada no bairro da Barra Funda, a Legião Negra surgiu a partir de uma dissidência da FNB. Conhecidos como "Pérolas Negras", os três batalhões de infantaria da Legião Negra chegaram a ter um efetivo de pelo menos dois mil combatentes.

É importante notar que a população negra não atuou somente na Legião Negra. Considerando o Exército, a Força Pública e os batalhões civis, estima-se que 10 mil negros tenham tomado parte nas forças constitucionalistas, que somariam cerca de 40 mil combatentes. Além disso, os negros também estiveram presentes na trincheira oposta, lutando pelas tropas do governo federal.



Combatentes da Legião Negra, 1932

1. O que foi a Frente Negra Brasileira e qual seus objetivos?
2. Explique o contexto e as razões para a fundação da Legião Negra.
3. A participação da população negra na guerra civil de 1932 se resumiu à Legião Negra? Justifique.

Atividade 3. Os "Pérolas Negras" em Santos

Os voluntários que integraram a Legião Negra não vinham apenas da cidade de São Paulo. Em todo o estado, homens e mulheres negros uniram-se à causa paulista. A cidade de Santos tinha um grande núcleo da Frente Negra Brasileira, que teria contado com o contingente, talvez exagerado, de 2 mil associados. É possível que a divergência política na FNB, como ocorreu em São Paulo, tenha motivado uma parcela da população negra de Santos a se juntar à Legião Negra de São Paulo.

"Na Praça Rui Barbosa [Santos] fez-se ouvir o voluntário Reginaldo de Carvalho, que mereceu calorosos aplausos:

- Seguiu hoje para essa capital *mais um* contingente de tropa da Legião Negra, que vai se incorporar à sua congênere de S. Paulo, aquartelada na Chácara Carvalho".

Folha da Manhã, 25 jul 1932, disponível em:
<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186d6.htm>>. Acesso: 12 mai 2021.

Como se vê, o jornal paulistano informava que "mais um" grupo de homens negros partia de Santos para São Paulo para se incorporar ao batalhão da Legião Negra durante a guerra. Não era, portanto, a primeira vez que isso acontecia. Em 16 de julho, dois

dias após a formação da Legião Negra de São Paulo, o primeiro contingente santista de legionários negros já havia se organizado e partido para juntar-se à Legião Negra na capital.

No dia 27 de julho, o jornal *A Tribuna* publicou em suas páginas um hino composto em homenagem à Legião Negra:

Soldados das hostes negras
Nossa Pátria é nossa luz!
Ela é a chama sacrossanta
Que à nossa frente reluz!
Ela é o Cruzeiro que a novo
Guararapes nos conduz!

Não receamos a luta!
Lutamos pelo ideal,
Pela impoluta grandeza
Da nossa Pátria natal!
Escravos de toda a vida
Na morte vemos rival!

Paulistas da mesma terra
Dos bravos da Abolição
Ao lado de Borba Gato
Conquistamos o sertão!
Paulistas, vamos à luta,
Pela Lei, pela Razão!

(ESTRIBILHO)
Soldados de Henrique Dias
A postos pelo Brasil!
São da Pátria as energias
De nossa alma varonil!

Hino composto para a Legião Negra, autor desconhecido, A Tribuna, 27 jul 1932, disponível em: <<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186b.htm>>, Acesso: 24 fev. 2021

Mas nem tudo era glória e exaltação. Como toda guerra, o conflito em São Paulo fez vítimas, órfãos e viúvas. Durante os quase três meses de batalhas, pelos menos 48 santistas perderam a vida. Entre eles, um capitão da Legião Negra:

“Morreu em combate, no sector Sul, o capitão Anacleto Bernardes [ou Bernardo], da Legião Negra. O bravo militar residia em Santos e era chefe da turma n. 25, da Cia. Docas de Santos. Deixa viúva e filhos. O corpo foi trasladado para esta cidade [...] acompanhado de seus companheiros de milícia [...] O seu enterramento realiza-se hoje, às 9 horas [...] cemitério do Saboó”.

A Tribuna, 1 out 1932, disponível em: <<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186h.htm>>. Acesso: 12 mai 2021.

Além de Anacleto, há notícia de ao menos dois outros combatentes santistas da Legião Negra mortos no conflito. Bernardo Nunes alistou-se em Santos e “partiu para a luta fazendo parte da ‘Legião Negra’”. Morreu combatendo no setor sul, onde foi atingido por um tiro de fuzil em combate travado em “Apiahy”¹. Januário dos Santos, que dá nome a uma rua no bairro Aparecida, foi capitão de uma companhia do batalhão Vidal de Negreiros, da Legião Negra, com

¹ “Heróis Santistas”, em Associação dos Combatentes de 1932 de Santos, disponível em: <http://combatentes1932desantos.com.br/historia/>. Acesso em: 23 jun 2021.

quem partiu para a batalha no início de agosto de 1932². Semanas depois, seria morto em combate³.



Detalhe dos nomes dos santistas mortos. Monumento ao Soldado Constitucionalista. Acesse: <https://tinyurl.com/3bkr45tz> para visualizar em alta definição e ler os nomes.

Além do monumento acima, já estudado no capítulo anterior, há outras iniciativas para preservar a memória dos combatentes de 1932, como eventos comemorativos e lugares, como ruas e praças.

1. Faça uma pesquisa sobre esses eventos e lugares.
2. Eles representam a diversidade da população santista nesse conflito? Por quê?
3. A partir do que você estudou até aqui, desenvolva um projeto de valorização da memória da população negra de Santos na guerra de 1932. Exemplo: um monumento, um quadro, um painel, uma apresentação teatral, um documentário, entre outras ideias. Faça um desenho ou esquema para esboçar seu projeto, identifique materiais e recursos necessários, o local onde ele seria realizado. Produza um pequeno texto para explicar e justificar seu projeto.

² *Folha da Noite*, 5 ago 1932 apud DOMINGUES, Petrônio. "Os 'Pérolas Negras': a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de 32". *Afro-Ásia*, n° 29/30, 2003, p.211.

³ "Heróis Santistas", em Associação dos Combatentes de 1932 de Santos, disponível em: <http://combatentes1932desantos.com.br/historia/>. Acesso em: 23 jun 2021.

Atividade 4. Preconceito, discriminação racial e estratégias de inserção social na guerra de 1932

Vamos retomar o hino da Legião Negra. Sua publicação por um jornal santista indica a importância dos negros entre os grupos de combatentes voluntários na cidade e reforça a construção de uma imagem positiva sobre a população negra na imprensa paulista durante o conflito de 1932.

Os legionários negros eram incorporados ao "povo paulista" e vinculados, ao mesmo tempo e contraditoriamente, aos "bravos da abolição" da escravidão e aos bandeirantes, figuras ligadas às famílias tradicionais de São Paulo e responsáveis pela escravização e assassinatos de indígenas no período colonial. No hino, os bandeirantes são representados pelo personagem histórico Borba Gato.

A valorização da população negra nesse contexto significaria que as elites paulistas haviam esquecido, pelo menos temporariamente, as doutrinas em voga na época, que classificavam os negros como seres inferiores aos brancos? Não é o que parece.

Até dezembro de 1932, o negro foi impedido de ingressar na Guarda Civil de São Paulo. Esse impedimento só foi superado após forte pressão da Frente Negra Brasileira em audiência com o presidente Getúlio Vargas. Nesse mesmo sentido, José Correia Leite, um dos principais dirigentes do movimento negro na época, afirmou que, antes de tornar-se governador de São Paulo às vésperas da guerra civil de 1932, Pedro de Toledo teria aconselhado os comandantes militares que evitassem alistar negros e mendigos nas forças constitucionalistas.

Raul Joviano Amaral, ex-tenente da Legião Negra, denunciou a discriminação com seu batalhão durante a guerra. Segundo ele, "houve discriminação em todos os termos. As senhoras brancas faziam coleta de material para mandar para os Fronts. Para as tropas de elite tudo do bom e do melhor. Para a negrada ia o que sobrava. As fábricas mandavam cigarros para as tropas. Os bons ficavam com os branco". Já, aos negros, "só os 'Mata-peito'. A fome, a mesma coisa. Você lá recebia biscoito que precisava uma pedra para arrebentá-lo"⁴.

O preconceito e a discriminação aparecem também entre as próprias tropas constitucionalistas no calor dos acontecimentos e são reveladores da mentalidade da sociedade paulista naquele período:

uma piada recolhida por Mário de Andrade e que se popularizou entre os paulistas entrincheirados é bastante reveladora da

⁴ DOMINGUES, Petrônio. "Os 'Pérolas Negras': a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de 32". Afro-Ásia, nº 29/30, 2003, p.208 e 227.

imagem que se tinha daquele batalhão: dizia-se que a Legião Negra era boa para "ataque noturno"⁵.

Em meio à guerra, Santos recebeu a visita da madrinha da Legião Negra, dona Palmyra Calçada. Esta mulher negra era encarregada de percorrer todo o estado fazendo propaganda da Legião Negra e atuando junto às organizações negras de cada local para reunir recursos e prestar assistência social às famílias dos legionários:

Santos, 14 - Encontra-se nesta cidade, aonde veio em propaganda cívica da Legião Negra, a Sra. D. Palmyra Calçada, madrinha da bandeira daquele esquadrão de voluntários de cor. D. Palmyra tomará o encargo de angariar donativos para as famílias dos combatentes, preocupando-se, igualmente, em ajudar a delegação de Santos e organizar um eficiente serviço de assistência às esposas e filhos dos soldados em armas da Legião Negra.

A Gazeta, 14 ago 1932 apud DOMINGUES, Petrônio. "Os 'Pérolas Negras': a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de 32". *Afro-Ásia*, nº 29/30, 2003, p.229.

Esse trecho evidencia a preocupação da Legião Negra com a prestação de assistência às famílias dos soldados negros carentes, bem como aos órfãos, aos inválidos e às viúvas da guerra. A entidade buscava assegurar saúde, educação, alimentação, roupas e abrigo e a seriedade do trabalho era reconhecida pela própria imprensa:

"Na sala de assistência às famílias dos soldados, examinamos a sua organização. Tudo ali funciona admiravelmente. O homem preto parte para as trincheiras levando a certeza de que à sua família nada faltará. O quartel de onde ele saiu para defender a integridade de sua pátria vela pelo abastecimento de sua família. Àquela hora, as senhoras dos soldados combatentes recebiam, mantimento, atendidas gentilmente por um sargento escalado para aquele serviço".

Folha da Noite, 30 jul 1932 apud DOMINGUES, Petrônio. "Os 'Pérolas Negras': a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de 32". *Afro-Ásia*, nº 29/30, 2003, p.230.

A existência desse serviço traz à tona a questão sobre os motivos da participação da população negra no conflito. Segundo o ufanismo da imprensa paulista na época da guerra, os negros voluntários encarnavam o "espírito paulista" do patriotismo, de

⁵ MOTA, André; SANTOS, Marco Cabral dos. *São Paulo 1932: memória, mito e identidade*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 37 apud FERREIRA, Jonathan e Campos, Paulo. "Pérolas Negras: a participação de mulheres negras na Revolução Constitucionalista de 1932", in: *Revista Trilhas da História*. Três Lagoas, v.3, nº6 jan-jun, 2014, p.133.

luta em defesa da liberdade de São Paulo e por uma Constituição para o Brasil. Para o historiador Petrônio Domingues, essa visão da imprensa não seria suficiente para explicar as motivações dessa população.

Segundo ele, os negros estavam conscientes, engajados e articulados em torno das questões de seu tempo. Mas a sua defesa da liberdade ia muito além da liberdade política e passava pela liberdade do ponto de vista da emancipação da população negra de São Paulo, que vivia excluída da sociedade.

Para muitos dos que se juntaram aos batalhões operários, a guerra era uma forma de acessar serviços assistenciais e superar as dificuldades do desemprego. Isso era particularmente verdadeiro para os homens e as mulheres negros, para quem participar da guerra seria participar da vida de São Paulo e buscar reconhecimento, visibilidade, valorização, fazer-se membro atuante da comunidade do estado e da nação. Mais do que isso, seria um meio de sobrevivência para uma população historicamente marginalizada. Do ponto de vista da inserção no mercado de trabalho, a vida da população negra era ainda mais precária do que a da classe trabalhadora em geral. Por isso, a adesão à Legião Negra pode ser vista como uma estratégia de inserção social e de busca por melhores condições de vida, já que o batalhão negro oferecia soldo, cesta básica, assistência médica, odontológica ao soldado e à sua família.



Fonte: A Cigarra. São Paulo, agosto/1932, p. 25.

Após quase três meses de guerra, as forças paulistas se renderam no dia 1º de outubro. Para muitos negros nos batalhões civis, o fim da guerra significou a perda de sua fonte de renda.

As casas de assistência social ainda funcionaram por um período. Mas, aos poucos, a preocupação humanitária da elite com os feridos, os inválidos ou mutilados, os órfãos e as viúvas foi desaparecendo.

O estado de São Paulo assumiu, em parte, sua responsabilidade com a maior parcela da população prejudicada pela guerra: órfãos, viúvas, inválidos, mutilados, agricultores que perderam suas casas e suas hortas no interior, etc. Mas a concessão dos benefícios não se efetivou de forma igualitária e talvez os maiores prejudicados tenham sido os negros e as negras. Há relatos de que a maior parte dos soldados da Legião Negra não recebeu a indenização paga pelo estado aos combatentes das tropas constitucionalistas.

Observe abaixo alguns cartazes de propaganda produzidos em São Paulo durante a guerra de 1932.



1. Compare a representação da população paulista na guerra de 1932 aos trechos dos artigos de jornal que você leu na atividade. Podemos afirmar que esses cartazes são representativos da população paulista? Por quê? Falta algum grupo? Qual? Por que você acha que ocorre esta exclusão?

2. Imagine que você é o ilustrador dos cartazes de propaganda da guerra de 1932. Produza um cartaz que leve em conta a diversidade apresentada no conflito.

3. Observe o poema abaixo, escrito por um autor desconhecido da Legião Negra em 1932.

Nós atendemos ao teu chamado, São Paulo!
Era natural que assim fosse, pois...
Não está também a nossa cor nas listras da tua bandeira?
Lutamos onde mais acesa era a batalha.
ombro a ombro com nossos irmãos de crença

na grandeza do Brasil e na dignidade do Homem
que a ditadura vilipendiava.
Como todos os combatentes, oferecemos
nosso sangue por "vin d'honneur".
E desde o princípio secundamos o teu grito de Justiça,
deixando em nossas casas quem ainda trazia as marcas de grilhões.
Nós que conhecemos na pele o significado da Liberdade.
Sem espanto, recebeste o nosso holocausto no altar da Honra
E as tuas bênçãos nos impeliram ao resgate da Mãe Pátria.
Não te esqueças de nós, São Paulo.
Afinal... não está também a nossa cor nas listras da tua Bandeira?

Autor desconhecido, Legião Negra, São Paulo, 1932 *apud* DOMINGUES, Petrônio. "Os
'Pérolas Negras': a participação dos negros na Revolução Constitucionalista de
32". *Afro-Ásia*, nº 29/30, 2003, p.230.

- a.** Considerando o que você estudou até aqui, explique quais foram as motivações para que a população negra aderisse à guerra de 1932.
- b.** O que o autor do poema quis dizer ao pedir "Não te esqueças de nós, São Paulo"? e questionar "Não está também a nossa cor nas listras da tua bandeira"?